

4

A saída do ministro da "boiada": contribuição do sistema de AVALIATIVIDADE para a análise de textos jornalísticos

Célia Regina Araes
Universidade de São Paulo

Introdução

A linguagem é repleta de expressões idiomáticas, frases feitas, gírias e jargões mesmo quando a formalidade é desejada e, ocorrem, não raramente, situações em que as expressões populares ditas ou escritas causam certa estranheza a depender de quem as usa, como ocorreu na reunião ministerial que contou com a presença do então ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, e o presidente da República, Jair Bolsonaro, entre outros representantes da política em 22 de abril de 2020. Expressões populares e até o uso de palavrões foram observados na gravação que caiu em domínio público quando o ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Celso de Mello, autorizou a divulgação do vídeo da reunião que (por) até aproximadamente um mês ficou sob sigilo. "Ir passando a **boiada**⁵" foi a expressão que Ricardo Salles lançou mão para autorizar as reformas "infralegais" (termo adotado por ele na reunião) de desregulamentação e simplificação sem a aprovação do congresso.

As relações profissionais e interpessoais entre o ex-ministro e o presidente podem ter iniciado mesmo antes de Salles estar à frente do ministério, a julgar pela sua indicação que ocorreu em dezembro de 2018, dias antes de Jair Bolsonaro assumir a presidência, informação que pode explicar alguns trechos dos textos jornalísticos aqui analisados. Não só a nomeação de alguns ministros

⁵ Grifo nosso.

para assumirem os cargos foi antecipada, mas a promessa de alterações nos próprios ministérios foi propagada assim que as eleições presidenciais finalizaram e entre elas, em 30 de outubro de 2018, veio à tona que o Meio Ambiente e a Agricultura estariam fundidos a partir do próximo ano. Essa junção não agradou aos ambientalistas, que alegaram que os interesses desses ministérios são diversificados e até opostos, mas a bancada governamental usou a justificativa de que o agronegócio brasileiro já cumpria o papel ambiental.

Aos olhos dos ambientalistas, dos jornalistas e o do poder legislativo, a imagem do ministro do Meio Ambiente, ao utilizar a expressão "passar a boiada" durante a reunião de 2020, piorou quando propôs que os ministros deveriam aproveitar para assinar os pareceres de reformas entre eles, sem a anuência da Câmara e do Senado, já que passavam por um período de alívio e tranquilidade enquanto a imprensa estava toda voltada para a cobertura da Covid-19. Essa tentativa de cumplicidade parece ficar mais evidente quando Salles reafirmou sua posição com a seguinte declaração: "Parecer, caneta...parecer, caneta, sem parecer também não tem caneta porque dar canetada sem parecer é cana⁶", demonstrando saber que sua proposta permeava atos ilegais e, simultaneamente, apresentava medo da prisão.

O mandato de Salles terminou em 23 de junho de 2021 sem um real esclarecimento para a população se ele pediu demissão ou se foi demitido por Bolsonaro, como será comentado na seção 4. O objetivo deste trabalho é verificar como a saída do ministro foi avaliada nos textos jornalísticos selecionados e, conseqüentemente, como esse episódio reverberou nas atitudes e imagem do presidente da República. Pretende-se ainda, como um objetivo maior, reconhecer as ações de possíveis irregularidades relacionadas ao meio ambiente divulgadas em dois dos maiores veículos da imprensa brasileira, reconhecendo a importância textual como uma contribuição de alerta aos leitores sobre os problemas sociais, ambientais e econômicos. A análise parte dos pressupostos teóricos do sistema de AVALIATIVIDADE (SA) desenvolvido por Martin e White (2005), uma vez que interessa a esta pesquisa os aspectos avaliativos presentes nos discursos dos jornalistas e nos comentários (termo utilizado pela própria Folha de S.Paulo) de empresários e

⁶ Trecho transcrito livremente da reunião ministerial apresentada no Jornal Nacional em 22 de maio de 2020.

especialistas trazidos nos jornais. Inserido na perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), o SA contribui para o reconhecimento de comportamentos e valores das atitudes de representantes de uma comunidade e de uma rede dialogal que permite a adesão ou não do autor à fala de outrem, além de outras categorias e subcategorias. O foco está, mais especificamente, na subcategoria do Julgamento inserida na Atitude e nas subcategorias de monoglossia e heteroglossia inseridas no Engajamento, como será visto a seguir. Para compreender a função linguística do termo "boiada", utilizada por Salles na reunião de 2020 e nos jornais por ocasião de sua saída do governo no ano seguinte, busca-se apoio na Linguística Textual (LT) a partir de estudos de expressões idiomáticas e seus respectivos efeitos de sentido. Para tanto, como critério de seleção de *corpus*, buscou-se notícias que apresentavam de maneira expressa o termo "boiada" (referência a Ricardo Salles), quando anunciada a troca ministerial, na Folha de S.Paulo e no Estado de S.Paulo.

O *corpus* para a análise consiste em:

- Texto 1 (T1) - *Saída de Salles não muda política ambiental do governo, avaliam executivos*. Subtítulo: *Ministro do meio Ambiente pediu demissão nesta quarta-feira*. Foi assinado por Paula Soprana, Julia Moura e Daniele Madureira, publicado na *Folha de S.Paulo*.
- Texto 2 (T2) - *Salles corre da polícia*. Subtítulo: *Na corda bamba há meses, ministro cai quando ele e Bolsonaro estão acuados*. Foi assinado por Eliane Cantanhêde, publicado no Estadão.

Para entender melhor o "passar a boiada" utilizado por Salles e outros ditos populares que apareceram em T1, a seção 1 traz um estudo dessas formas de expressão e seus efeitos de sentido no discurso. A seção 2 está voltada para a exposição dos pressupostos teóricos do SA que se insere no bojo da LSF e, ainda, mesmo que de maneira simplificada, busca estabelecer um diálogo com a LT. Maior discussão da categoria de Atitude e da subcategoria de Julgamento está na seção 3 com as análises da construção discursiva dos comportamentos e depoimentos dos participantes dos discursos jornalísticos. A seção 4 se preocupa em analisar a diferença de posicionamento dos dois jornais sob o olhar da categoria de Engajamento. Por fim, as considerações finais englobam as discussões realizadas na pesquisa e apresentam a diferença de leituras sobre um mesmo episódio envolvendo atitudes de governantes brasileiros.

1 Onde passa um boi passa uma boiada

O sentido de um texto se constrói no contexto discursivo e situacional específico relativo aos diversos modos de agir dos atores sociais, como Koch e Elias apontam ao escreverem sobre a leitura e ativação de conhecimento:

A leitura e a produção de sentido são atividades orientadas por nossa bagagem sociocognitiva: conhecimentos da língua e das coisas do mundo (lugares sociais, crenças, valores, vivências). (KOCH; ELIAS, 2007, p. 21)

Em outras palavras, os interlocutores formam um sentido para o texto a partir de contextos pressupostos durante a situação de comunicação e vão conservando ou modificando esses contextos no curso da interação que pretende a compreensão. O contexto pode ser compreendido como um conjunto que integra o co-texto, a situação imediata, o entorno sociopolítico e a bagagem cognitiva dos interlocutores, sendo essa última aquela que inclui todos os conhecimentos arquivados na memória dos atores sociais e que são mobilizados por ocasião do intercâmbio verbal. O "contexto é, portanto, um conjunto de suposições, baseadas nos saberes dos interlocutores, mobilizadas para a interpretação de um texto" (KOCH e ELIAS, 2007, p. 64). O termo "boiada", falado durante a reunião de 2020, gerou um efeito de sentido correlacionado ao texto fonte ("onde passa um boi passa uma boiada") compreensível entre os presentes na reunião compartilhando o mesmo tempo e espaço. A expressão foi adequada ao contexto resultando em uma construção social da realidade, "já que, sendo a realidade social constituída no processo contínuo de interpretação e interação, os seus vários aspectos podem ser considerados e (re)negociados de forma explícita ou implícita" (KOCH, 2003, p.37). Considerando o pressuposto de que o sentido do texto não está nele próprio ao ser expresso, mas se faz a partir dele no percurso interacional, pode-se inferir que o discurso do ministro se dá pela construção coletiva de sentido: a ideia de pareceres sem autorização do congresso tornou-se um discurso de coautoria entre os membros da reunião que, *a posteriori*, aceitariam ou não as proposições ministeriais.

Urbano (2008) afirma que as "frases feitas" ou "fraseologia popular" fazem parte do uso da língua independente das condições geográficas, socioeconômicas e/ou culturais e que uma expressão pode ser criada para ilustrar uma situação concreta, utilizada em variados contextos, preservando o

sentido denotativo. Esse uso, quando repetido por várias vezes, tem o sentido ampliado e, nem sempre, recupera-se a origem particularizada. O autor dá o exemplo da expressão "onde passa um boi passa uma boiada", que não classifica exatamente como um provérbio, a partir da qual se é possível imaginar um cenário de bois atravessando uma ponte estreita. Ao utilizar "ir passando a boiada", Salles pôde dialogar com essa expressão de compreensão popular na passagem de um boi dando condição segura ao resto da boiada e, assim, metaforicamente, alguns determinados pareceres poderiam abrir frente aos pareceres ilegais. O ministro apoia sua fala em torno do sentimento de *segurança*, por isso recorre à cena da boiada e argumenta sobre a necessidade da assinatura nos documentos.

"Ministro da boiada" passou a ser uma forma de referenciar Ricardo Salles, não só pelo discurso na reunião, como também pelo termo "boiada" estar ligado à pecuária, setor valorizado por favorecer o crescimento econômico do país, mas criticado por trocar florestas por pastagens, ainda sobre o episódio de juntar o Meio Ambiente com Agricultura desde antes da nomeação. Em T1, há duas menções aos termos "boi" e "boiada" em citações de dois executivos entre os nove constantes do texto que os utilizam como forma de referência ao ministro e ao presidente Bolsonaro. O diretor-executivo do Instituto Escolhas, Sergio Leitão, atribui o termo "vaqueiro" a Ricardo Salles e "dono da boiada" a Bolsonaro (parágrafos 8 e 9), ressaltando a subserviência do ministro durante seu mandato. Ainda acrescenta que Tereza Cristina, ministra da Agricultura, era a administradora, e a Agricultura era uma beneficiária da pasta do Meio Ambiente, comparando o governo federal a uma fazenda e os governantes aos funcionários dela.

Outro executivo, Luiz Fernando Quaglio, especialista em ESG da Veedha Investimentos, modifica a expressão do ministro e afirma que "a queda do Salles é o boi de piranha para a boiada passar". Ele compara esse fato à saída de Ernesto Araújo (ministro das Relações Exteriores que saiu do governo no final de março de 2021), considerando os sucessores dos dois ministérios como sendo menos radicais, e esse fato poderá facilitar o próximo período eleitoral ao constatar que a maioria dos votos depende dos médios agropecuaristas brasileiros. Seguindo a mesma linha argumentativa de Salles, Quaglio se aproveita da expressão popular "boi de piranha" para expor que Ricardo Salles se submeteria a um sacrifício em prol dos demais políticos para as questões

ambientais serem mais bem vistas pela economia verde e pelo mercado internacional. Segundo Riboldi (2007), a exemplo dos estudos de Urbano (2008), a expressão "boi de piranha", similar a "onde passa um boi passa uma boiada", foi criada a partir de um cenário real possível quando um boiadeiro deveria conduzir o gado por um rio repleto de piranhas e a solução seria escolher um animal velho ou doente e colocá-lo na água em local acima ou abaixo do ponto de travessia⁷.

Como se pode ler no excerto de T2 a seguir, a menção "ministro da boiada" funciona como aposto e Ricardo Salles é adjetivado como polêmico (parágrafo 1). Unir "polêmico" a "ministro da boiada" joga luz à imagem que a jornalista escolheu fazer do ministro, pois "polêmico" pode ser compreendido como controverso ou aquele que participa de debates e, etimologicamente, "*polemikós*" (originário do grego) estabelece relação à guerra (CUNHA, 2007). Trata-se, dessa forma, da construção de um referente que, mediante seu discurso, se coloca em posição de guerra. Apesar de "explosiva compra da vacina Covaxin" (parágrafo 1) e "Salles se livra do ministério, mas não de 'uma bomba'" (parágrafo 6) circunscreverem cenas de guerra estereotipada, com explosões, tanques e fuzis, a ideia aqui é de confronto e desarmonia, o que pode justificar as informações sobre investigações dele e de Bolsonaro na CPI da vacina Covaxin, pois os dois são alvos do STF.

(1) Queridinho do presidente Jair Bolsonaro, mas alvo de inquéritos e investigações em São Paulo e em Brasília, o **polêmico Ricardo Salles**, o "**ministro da boiada**", caiu num momento em que o Supremo Tribunal Federal aperta o torniquete contra ele e que a CPI da Covid acua o próprio Bolsonaro por causa da explosiva compra da vacina Covaxin. (T2 - parágrafo 1)

(2) [...] A sensação em Brasília é que Salles se livra do ministério, mas não de "uma bomba". E que o ministro muda, mas a destruição da Amazônia continua. (T2 - parágrafo 6)

O uso do termo "boiada" não é somente uma forma de recordar a reunião de 2020 em uma relação intertextual. Evocar "ministro da boiada" avalia as falas e ações de Ricardo Salles não o vinculando, em momento algum, nos textos analisados, ao ministério em que estava à frente; pelo contrário, o referente está associado aos elementos representativos do ministério da agricultura/pecuária,

⁷ Ressalta-se que, mesmo essa expressão constando na fala do executivo Quaglio, a prática de sacrificar um animal não deveria ser adotada nos meios rurais nos anos 2020, pois fere o projeto de lei nº 215 de 2007 sobre a defesa e garantia do bem-estar dos animais, assim como o desenvolvimento das tecnologias nas práticas rurais não permitiria a técnica de "boi de piranha". Portanto, espera-se que seja uma referência à expressão linguística sobre uma prática de tempos remotos.

tanto que "boiada" serve como um gatilho para a ativação de seu julgamento e de sua atuação profissional não preocupada com as questões ligadas à natureza.

Um estudo acadêmico sobre provérbios em textos jornalísticos considerou que "qualquer jornal que queira ter a adesão de seus leitores ao que noticia, deve fazê-lo tendo em perspectiva a convergência dos fenômenos linguísticos comumente utilizados no cotidiano" (NÓBREGA, 2008, p. 236) e, seguindo essa linha de tornar a matéria mais acessível, a expressão "um manda, outro obedece" (parágrafo 2), mesmo sem utilizar "boi", merece destaque, quando T2 compara Salles a outros ministros, inclusive a Ernesto Araújo (T1 também faz essa comparação), que perderam seus cargos, mas tiraram fotos ao lado do presidente para carregarem como troféus. Tal expressão parece uma variação de "manda quem pode, obedece quem tem juízo" e, novamente, faz-se referência ao poder de Bolsonaro na hierarquia do governo em relação à subserviência dos ministros. As expressões populares utilizadas nos discursos políticos e como recursos jornalísticos ativam conhecimentos partilhados socialmente e culturalmente que permitem extrair dos textos opiniões, crenças e atitudes de seu produtor, de modo a auxiliá-lo na construção de sentido.

2 Pressupostos teóricos

O debruçar sobre os estudos das expressões idiomáticas e seu uso em textos que circulam em esferas cotidianas, como as notícias, por exemplo, acrescido de compreender os efeitos de sentido das estruturas textuais pertencem mais especificamente ao arcabouço da LT. A avaliação feita a partir de recursos que a linguagem comporta em situação de interação com expressão de opiniões, sentimentos, julgamentos, abordando um escalonamento de maior ou menor comprometimento e imbricação com outros textos são análises voltadas para o sistema de avaliatividade (SA), fundamentado no bojo da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF).

A LT não adota a postura modular em camadas de superposição ou acréscimo sucessivos na descrição dos elementos linguísticos, a denominada "teoria da cebola", nem toma como base a gramática funcional. Isso, em primeira análise, poderia considerar a LT como formalista, mas não. Trata-se de um estudo do texto em funcionamento, na concepção interacional ou dialogal

da língua com o texto, sendo este o próprio lugar da interação. A produção da linguagem passa a ser uma atividade bastante complexa na construção de sentidos que se realiza "com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas que requer não apenas a mobilização de um vasto conjunto de saberes, mas também a sua reconstrução - bem como a dos próprios sujeitos - no momento da interação verbal" (KOCH, 2005, n.p.). A materialidade dos textos suscita elementos a serem observados durante um trabalho de análise e, no caso desta pesquisa, a LT e a LSF puderam estabelecer um diálogo interteórico a fim de atender à concretização analítica.

A LSF (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004) defende uma análise textual e gramatical organizada em três metafunções: a Ideacional, a Interpessoal e a Textual. A Ideacional abrange a experiência e os eventos, permite reconhecer as ações que estão ocorrendo, os participantes que estão agindo e as circunstâncias das ações e a inter-relação entre elas. Já a segunda representa as relações entre os participantes da comunicação, mantendo as relações sociais entre as pessoas com posicionamentos críticos de consonância ou discordância de opiniões e proposições, estabelecendo as relações de atitude e juízos nos discursos. E a última metafunção, a textual, é uma forma de organizar as outras duas metafunções, uma expressão do que se fala ou escreve dentro de um determinado contexto, organizando as escolhas das estruturas temáticas. Proposto por Martin e White (2005), o SA se preocupa em descrever variadas possibilidades de significados que os falantes/escritores têm à disposição para expressar posicionamentos nos textos, avaliando pontos de vista e, dessa forma, encontra-se inserido na metafunção interpessoal.

O SA é composto por três subsistemas: Atitude, Engajamento e Gradação. A Atitude diz respeito aos sentimentos e impressões sobre as pessoas, eventos e circunstâncias, assim como a manifestação de avaliações de comportamento, envolvendo três subcategorias: Afeto, Julgamento e Apreciação.

O Afeto é uma forma de expressão de sentimentos, das manifestações emocionais vivenciadas pelas pessoas e podem gerar avaliações com polaridades positivas, negativas ou ambíguas. Para a subcategoria do Julgamento, interessam avaliações que dizem respeito aos comportamentos das pessoas sob a ótica de suas ações individual ou coletivas com base nos princípios normativos. Conforme as pessoas são caracterizadas nos textos a

partir de seu caráter ou personalidade, despertam avaliações em estima ou sanção social.

- Estima social - avaliação do grau de normalidade (abarcando os preceitos de especialidade ou usualidade), capacidade (abarcando as habilidades e competências) e tenacidade (abarcando a paciência e a perseverança).
- Sanção social - avaliação do grau de verdade (abarcando os preceitos de honestidade ou sinceridade) e propriedade (abarcando os preceitos de transparência, ética e civismo).

Gonçalves-Segundo (2011, p.172) acrescenta que os valores de estima social "integram o processo mais básico de integração social e são regulados por meio da cultura oral, do convívio mais íntimo, estando mais estreitamente ligados a comportamentos geralmente não passíveis de punição institucional", enquanto os de sanção social "relacionam-se às obrigações morais e éticas, à cidadania e à filiação institucional (religiosa, por exemplo). Por essas razões, os Julgamentos de sanção social implicam atitudes não de admiração ou estranhamento, mas sim, de louvor/destaque ou condenação/recriminação".

A terceira subcategoria da Atitude é a Apreciação que consiste em um conjunto de opiniões para coisas, objetos e fenômenos de caráter estético ou de valor social e podem complementar as avaliações do Afeto e do julgamento.

O Engajamento consiste na expressão de posicionamentos dos escritores/falantes através de uma sistematização linguística levando em consideração os estilos intersubjetivos e ocupa-se, com isso, de diferentes olhares sobre a voz autoral do texto e outras vozes ali presentes. O princípio do Engajamento recupera os conceitos de dialogismo de Bakhtin, ao afirmar que o discurso não é compreendido como uma unidade da língua, e sim, como uma unidade de comunicação, como se pode ler em suas palavras:

Cada conjunto verbalizado grande e criativo é um sistema de relações muito complexo e multiplanar. Na relação criadora com a língua não existem palavras sem voz, palavras de ninguém. Em cada palavra há vozes às vezes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais (as vozes dos matizes lexicais, dos estilos, etc.), quase imperceptíveis, e vozes próximas, que soam concomitantemente (BAKHTIN, 2003, p. 330).

Uma rede dialogal possibilita formas de adesão do falante/escritor em relação ao que o texto propõe e se reconhece, ora abrindo espaço para a vozes de outrem em discursos heteroglóssicos, ora encobrimdo ou apagando a

manifestação dessas vozes em discursos monoglóssicos. No primeiro caso, ainda a rede dialogal pode se apresentar de duas formas:

- Expansão dialógica - com o reconhecimento da rede dialogal, um espaço mais democrático, aberto ao debate que aceita e encoraja as vozes circulantes nos espaços sociais.
- Contração dialógica - com rejeição das alternativas da rede, em um espaço mais autoritário, que restringe o debate e desencoraja a participação de vozes circulantes nos espaços sociais.

Por fim, a Gradação que se apresenta em dois eixos, a Força e o Foco, ligada à possibilidade de avaliar um elemento numa escala contínua polarizada. A Força aparece como uma forma de intensificar ou quantificar as atitudes organizadas em grau (categorias escaláveis), enquanto o Foco compõe-se de forma não escalável, incidindo em um grau de maior ou menor comprometimento em acentuação ou atenuação à posição valorativa. O Foco e a Força perpassam os outros subsistemas de Atitude e Engajamento e podem ser analisados conjuntamente.

Em resumo, as categorias podem ser classificadas como apresentado no quadro simplificado a seguir:

Quadro 1. Classificação do Sistema de Avaliatividade

Atitude	Afeto	(In)Felicidade
		(In)Segurança
		(In)Satisfação
	Julgamento	Estima social
		Sanção social
	Apreciação	Reação
Composição		
Valoração		
Engajamento	Contração dialógica	Contraposição
		Proposição
	Expansão dialógica	Ponderação
		Atribuição
Gradação	Força	Intensificação
		Quantificação
	Foco	Acentuação
		Atenuação

Fonte: Adaptação de Martin e White (2005, p. 38; 134)

3 Atitudes - Julgamentos

A avaliação das ações do governo e das consequências que isso teve para a sociedade brasileira e para a imagem do Brasil no mundo não está calcada apenas no uso do termo "boiada". Os textos analisados buscaram explicações para a saída do ministro e os posicionamentos, ora monoglóssicos, ora heteroglóssicos, marcaram avaliações de jornalistas e executivos no dia da saída de Salles. T1 noticiou a saída de Salles trazendo pontos de vista de nove executivos de empresas que avaliaram a trajetória do governo, o momento da demissão e prospecção para um futuro próximo a partir da chegada de Joaquim Álvaro Pereira Leite, ministro que assumiu a pasta do Meio Ambiente. Essa avaliação é admitida, inclusive, na própria manchete "Saída de Salles não muda política ambiental do governo, avaliam⁸ executivos". T2 não trouxe o depoimento de executivos ou de especialistas efetivamente com discursos relatados, mas ambos compartilharam posições de valores, crenças e sentimentos objetivando apoiar ou contrariar vozes reais que circulam socialmente.

Em T1, a valoração negativa de Salles é sistematicamente empregada pelos executivos a quem o jornal deu oportunidade para expor seus pontos de vista e suas experiências vividas no período do governo ao representarem suas instituições/empresas. Os elementos linguísticos de Julgamento são recorrentes e, por vezes, intensificados pelos recursos da Gradação.

Muitas são as escolhas léxico-gramaticais que os executivos fizeram para mostrar que Salles não era um bom representante do Ministério do Meio Ambiente, como no discurso citado de Roberto Klabin, membro do conselho da fabricante de papel e celulose Klabin, fundador da SOS Mata Atlântica e da SOS Pantanal ao se referir a Salles em:

(3) Seu único esforço nesse cargo foi fazer tudo para agradar o presidente [Jair Bolsonaro] e tentar fazer parte do seu círculo mais intimista. (T1 - parágrafo 5)

Martin e White (2005) definem no subsistema de Julgamento, especificamente, o de sanção social, como os comportamentos contrariam as condutas e a ética em determinada comunidade. Em uma primeira leitura do excerto (3), a palavra "esforço" poderia carregar o sentido de quem faz força ou se empenha por algo ou por alguém, avaliando positivamente a atitude do ex-

⁸ Grifo nosso.

ministro, intensificada, inclusive, por "tudo" que colocaria o comportamento de Salles em uma escala máxima de esforço. Porém, fazer parte do círculo mais intimista para agradar o presidente, intensificado pelo atributo "único", rompe com essa avaliação positiva e a atitude do ministro passa para um lugar de má conduta no cargo que ocupava. Nota-se, assim, como a categoria de Gradação – marcada pelo "tudo" como elemento intensificador do que foi feito e do "mais" reforçando a relação pessoal entre o ministro e o presidente – contribui para uma leitura de condenação ao comportamento de Salles em uma sanção social.

Outro executivo, André Perfeito, economista-chefe da Necton, afirmou que:

(4) O ministério do Meio Ambiente não vem dando boas notícias faz tempo e a agenda verde é um imperativo hoje em dia e as empresas buscam cada vez mais os padrões ESG⁹.

Considerar que as notícias não eram boas, avaliaria negativamente o ministério e, nesse caso, a construção do discurso poderia ser classificada como uma Apreciação de valor a uma instituição (ministério). Ao considerar que o ministério não seria capaz, por si só, de dar notícias, a avaliação passa a ser feita a seu representante, o ministro; ou seja, mais uma sanção social da conduta ministerial. Ao invés de utilizar um único elemento linguístico para qualificar as notícias como ruins ou péssimas ou algo que o valha, o executivo escolheu negar as "boas notícias" e, assim, atenuar sua avaliação com o objetivo de abrandar o efeito de sentido de sua exposição (ROSA, 1992). André Perfeito optou por usar o gerúndio da ação e essa escolha pode indicar a continuidade das notícias "ruins" no decorrer de tempo, ideia corroborada pelo uso do marcador de tempo "faz tempo". Uma forma explícita de marcar a contradição das notícias do ministério em relação às exigências dos padrões ESG é intensificada pela extensão de tempo, como Martin e White (2005) classificam um dos quantificadores de força na categoria de Gradação.

As avaliações supramencionadas podem ser classificadas no SA como estima social, trazendo valores de críticas negativas do avaliador para que Salles seja julgado como incapaz de estar à frente do ministério associado ao fato de

⁹ ESG é uma sigla em inglês para *Environmental, Social and Governance* que representam os três pilares que medem a sustentabilidade e um impacto ético de um investimento. Essas informações foram extraídas da página inicial do livro digital ESG: um impulsionador-chave para um negócio sustentável. Disponível em <https://www.softexpert.com/se-pt/downloads/ebook/esg-um-impulsionador-chave-para-um-negocio-sustentavel.pdf>. Acesso em: 20.jan.2022.

seu esforço não estar compatível com o cargo que ocupava e não atender ao que se esperava dele junto às empresas e padrões de sustentabilidade. T1 identifica também manifestações de julgamento de sanção social, como no discurso de Paulo Hartung, presidente executivo da Ibá (Indústria Brasileira de Árvores), não apenas reprovando o que Salles fez ou não fez no governo, mas pelas ações de ilegalidade na Amazônia, reforçado pelo sentido de perigo das mudanças legislativas em.

(5) O setor empresarial vem alertando para isso, para a necessidade de combater com eficácia a ilegalidade na Amazônia, para o perigo das mudanças legislativas [...]. (T1 - parágrafo 14)

A ideia de agir fora da lei fica implícita no discurso de Hartung quando o setor empresarial toma a atitude de alertar, na verdade, uma ação contínua evidenciada pelo uso do gerúndio "vem alertando". Tendo em vista todo o contexto de Salles ter sugerido "passar a boiada" na reunião ministerial, ao citar "perigo das mudanças legislativas", o executivo pode ter feito uma avaliação de recriminação quanto à honestidade das ações do ministro junto ao Congresso Nacional. Uma marca de intensificação, classificada como Gradação de foco, da declaração de Hartung veio no final do parágrafo anterior ao englobar o "mundo todo" na criação de obstáculos a produtos brasileiros devido à política ambiental brasileira.

O julgamento de estima social, no parágrafo 4, é observado quando a jornalista não somente critica Salles como também Weintraub (entendia de brigas e armas, nada de educação), Araújo (destruiu a política externa e a imagem do Brasil no mundo desenvolvido) e Pazzuelo (jamais tinha visto uma curva epidemiológica e nem sequer sabia o que era o SUS) afirmando que eles tinham características comuns pelo fato de todos não possuírem os atributos necessários para os cargos que ocupavam. A referência aos quatro ministros - "eram pessoas erradas, no lugar errado, na hora errada" - expressa uma avaliação negativa quanto à capacidade ou competência dos ministros. Ainda na avaliação da capacidade, acrescenta que Salles "não entendia nada da área", o que fica enfatizado com a dupla negativa na mesma declaração "não" e "nada". Continuando as avaliações de Salles, afirma que o ministro "sempre fez o jogo de madeireiros ilegais e de destruidores do ambiente e da própria Amazônia, enquanto agia ativamente contra os biomas, o Ibama e o ICMBio." e, tendo em vista, que a venda de madeiras de forma ilegal é crime, o uso da expressão "fazer o jogo", neste caso, atribui conivência de Salles ao crime. O

elemento de força é ativado pelo advérbio "sempre" intensificando a ideia de continuidade da ação e "ativamente contra" acentua a forma de agir contra o bioma e as instituições ditas como defensoras do meio ambiente na subcategoria foco da Gradação.

Corriqueiramente, utiliza-se o diminutivo de um substantivo ou de um adjetivo para atribuir-lhe condição de pequenez ou de carinho, e o aumentativo, além de designar que algo é de tamanho grande, dá um *status* de poder ao termo referido. Como uma análise em T2, o "queridinho" (referente catafórico no parágrafo 1) poderia ser interpretado como uma forma carinhosa, uma reação emocional da jornalista ao se referir ao ministro, um reconhecimento do afeto existente entre Salles e Bolsonaro, mas de maneira crítica, essa expressão linguística revela uma avaliação de comportamento, jogando luz às irregularidades do governo com o qual Salles está envolvido, pois, na sequência, a informação é de que ele é alvo de inquéritos e investigações em São Paulo e em Brasília. Dentre muitas outras possibilidades, "queridinho" foi uma opção de escolha no texto e, de forma implícita, funciona como um termo agregador, julgando as atitudes dos dois representantes governamentais. De forma semelhante, "amigão", no parágrafo 3, não carrega a avaliação de empatia e afeição em uma avaliação de afeto que, a princípio, "amigo" possa apresentar. O aumentativo avalia o comportamento de subserviência não só de Salles, mas de outros três ministros que já estavam fora de seus cargos na época da divulgação da notícia, que executavam as ordens do presidente sem questionamento, e isso pode ser observado pela expressão "um manda, o outro obedece" como já discutido na seção 1 deste capítulo. O diminutivo e o aumentativo descrevem o grau de intensidade, avaliando comportamentos a partir de pontos de vista normativos socioculturalmente construídos. A Gradação aparece para dar força ao julgamento de comportamento que a jornalista fez do ministro Salles no percorrer de todo o texto.

Deve-se aqui uma observação sobre as manchetes dos textos: diferentemente de T1, que traz a "saída de Salles" inscrita no título, T2 não faz referência à demissão/saída de Ricardo Salles do ministério. Há, necessariamente, de se ter conhecimento da situação histórica política do país daquele momento para substituir a informação "corre da polícia" por "Salles deixou de ser o ministro". A manchete e a linha fina contêm uma avaliação já

realizada por Cantanhêde ao recorrer ao termo "polícia" em uma situação de "demissão/saída do ministro", que era a informação que se tinha até aquele momento. A ação de correr da polícia rotula, de certa forma, a ilicitude da gestão de Salles e, mais forte ainda, o julgamento de sanção social vem com o verbo "cair" da linha fina "Na corda bamba há meses, ministro cai quando ele e Bolsonaro estão acuados" como consequência de suas ações ilegais, e, segundo a jornalista, Bolsonaro e o ministro encontravam-se acuados há meses.

4 Engajamento

Reconhece-se a diferença de posicionamento dos dois jornais já na leitura das manchetes com o enunciado heteroglóssico em T1 e monoglóssico em T2. "Saída de Salles não muda política ambiental do governo" (primeira parte do título - T1) opera em uma rede dialogal com o que se esperava desse episódio: mudança na política. A proposição da "permanência da política ambiental" é expressa no título através do uso da negativa "não muda política ambiental", invocando um posicionamento da voz do jornal sob a classificação de contração dialógica, apontando responsabilidade do autor textual, desafiando o leitor a reconstruir algum sentido divergente. Em "Avaliam executivos" (segunda parte do título - T1), os participantes da notícia não só trarão seus depoimentos para o texto, mas farão suas avaliações sobre o episódio, ampliando a perspectiva das alternativas de vozes, em um movimento de expansão dialógica por atribuição. A forma declarativa "Salles corre da polícia" de T2 praticamente esconde a rede dialógica com outros enunciados para simular que não há outros posicionamentos, tratando a informação como verdadeira ancorada somente na voz autoral do jornal representado pela jornalista, construindo, dessa forma, concepções da realidade.

Ocorrem dois movimentos distintos de posicionamento em relação à saída de Salles avaliados pelos executivos, como se pode observar em (6) e (7):

(6) Alvo de inquérito no STF por suspeita de favorecimento a empresários do setor madeireiro, Salles será substituído por Joaquim Pereira Leite, secretário da Amazônia e Serviços Ambientais da pasta (T1 - parágrafo 2).

Nesse exemplo, há uma relação de causa e efeito: a substituição de Salles será em virtude de ele estar sob suspeita por favorecimento a empresários de madeiras. A avaliação que o leitor pode fazer deste posicionamento é do

tipo expectativa confirmada, pois, a partir de elementos socioculturais compartilhados, esperava-se que o envolvimento do ministro em ilegalidades ocasionasse sua substituição.

(7) O novo [ministro] que irá assumir é seguidor da mesma cartilha, não vai mudar nada (T1 - parágrafo 11).

Após a substituição do ministro, já com a indicação do sucessor, o leitor poderia esperar uma mudança de comportamento do governo e uma novidade considerada como uma melhoria, afinal, uma novidade pode causar essa emoção (realização de novas metas, classificada como uma satisfação com polaridade positiva na subcategoria de Afeto), inclusive pela expressão "novo", linguisticamente marcada. A contrariedade a essa contraposição - contraexpectativa - é construída pelo uso da expressão "é seguidor da mesma cartilha", seguido de dupla negativa "não" e "nada" que enfatiza a postura autoral.

A saída de Salles e a chegada de Joaquim Leite, o novo ministro, pode ser avaliada pelos executivos como incertezas, demonstradas nos exemplos (8) e (9) a seguir:

(8) Talvez o que mude é que sai o histrionismo e a agressividade do ex-ministro Salles o tornava mais antipático, mas, na prática, o ministério continua mesmo, sem mudança das políticas, afirma (T1 - parágrafo 11).

O que coloca o ponto de vista da contraposição do executivo em xeque não é mais a substituição do ministro e sim a comparação que arriscou fazer sobre o ministro que está saindo e o que vai assumir daquele momento em diante. A voz autoral, ao mesmo tempo que permite um questionamento sobre as mudanças marcado pelo modalizador "talvez" e o elemento de contrariedade "mas", assume que elas não ocorrerão, em uma contração dialógica de contraexpectativa. A continuidade da fala do executivo parece restringir a voz autoral mais ainda ao assumir que não haverá mudança, e o termo "na prática" valida o posicionamento de "o ministério continua mesmo, sem mudança das políticas". O elemento intensificador - na categoria de Gradação - fica por conta do termo "mesmo".

(9) O projeto de desmonte das instituições de controle e proteção ambiental vem em uma crescente. Muito provavelmente a política ambiental não mudará e, mais uma vez, o país perderá a oportunidade de um protagonismo ambiental de vanguarda mundial. Não importa quem assumir." (T1 - Parágrafo 13).

Esse posicionamento do executivo Singer difere do exemplo anterior, pois o uso do modalizador "Muito provavelmente" pode ser um índice de gerenciamento de posicionamentos de vozes alheias em uma expansão dialógica através da ponderação, assinalando a possibilidade de outras concepções. Na sequência da proposição do executivo, o "não" admite que há outro ponto de vista, mas que é negado, voltando a contrair a forma dialógica, intensificado pela expressão "mais uma vez", recurso linguístico que indica o conhecimento do fato em questão.

Um recurso de expansão dialógica bastante incidente em T1 e que não está presente em T2 é a atribuição - quando a voz autoral traz para o texto o reconhecimento de outros atores, considerados autoridades no assunto. T1 deu lugar para nove executivos, enquanto T2 apresenta a voz do jornal por intermédio da jornalista e isso reverbera na presença de verbos de dizer (cinco "afirmar", cinco "dizer") em T1, assim também o discurso relatado que é marcado no início das falas, como "segundo executivos" (parágrafo 1), "segundo Leitão" (parágrafo 10), "segundo Quaglio" (parágrafo 18) e "segundo ela" [a executiva que preferiu não se identificar] (parágrafo 26), além do "para Roberto Klabin" (parágrafo 3).

Tanto T1 quanto T2 expressam divergências no uso de termos "demissão" e "sair" ao noticiar o episódio de 23 de junho. A dúvida recai em saber se foi um pedido de demissão por parte de Ricardo Salles ou se foi uma atitude que partiu de Bolsonaro ao demiti-lo. Dessa maneira, T1 utiliza o verbo "sair" e o substantivo "saída" e suas variações em seis momentos, utiliza "troca" e "substituição" para se referir ao ministério e utiliza "demissão" em três momentos com as variações de "pedir demissão", "pedido de demissão" e "efeito da demissão". T2 utiliza o verbo "cair" (em três momentos) para retratar o mesmo fato, o verbo "correr" (no título) e "demissão" acompanhado de "pedido" (parágrafo 2) e é nesse contexto que "a pedido" de Salles vem marcada pelo uso das aspas em "O script da demissão 'a pedido' de Salles - que nestes dois anos e meio foi mero executor da política criminosa de Bolsonaro para o meio ambiente - não é novidade no governo Bolsonaro". Há contração dialógica ao utilizar a negação na construção do trecho, ao reconhecer que há outras vozes autorais, não trazidas para o debate do texto, e outras interpretações avaliativas podem se manifestar como, por exemplo, de que não são novidades demissões no governo de Bolsonaro. A marcação da

pontuação de aspas em "a pedido" abre espaço para uma avaliação de posicionamento da voz autoral, colocando em dúvida se realmente Salles fez esse pedido.

Concluindo, os dois exemplares noticiosos revelam o engajamento sobre o posicionamento do ministério do Meio Ambiente, no período do governo federal representado por Jair Bolsonaro, ao discutirem as possibilidades de mudanças (ou não) para o setor ambiental. Os posicionamentos monoglóssicos que não dão margem à discussão estão presentes, mas em menor quantidade se comparados aos posicionamentos que possibilitam a inserção de vozes externas aos textos para apresentarem pontos de vista, ampliando a rede dialógica. Permitem, dessa forma, aprofundar a compreensão de atitudes políticas que interferem e comandam a vida de toda a sociedade, que neste trabalho são inerentes aos impactos negativos que a natureza sofre.

Considerações finais

Este capítulo teve como objetivo verificar as diferenças entre as notícias de jornal sobre a saída de Ricardo Salles do ministério do Meio Ambiente que se deu em junho de 2021, levando em consideração seu discurso de "passar a boiada" em uma reunião ministerial anterior, o que sugere o uso de medidas ilegais sem passar pelo congresso.

Sob a ótica do SA foi possível analisar a avaliação que os textos apresentaram sobre o comportamento do ministro e do presidente Bolsonaro por serem considerados aliados em suas ações governamentais. Mesmo com posicionamentos que, a princípio, apresentavam certa neutralidade no julgamento das ações ministeriais, foi investigado que os julgamentos carregam acento negativo que culminaram em inquéritos e investigações. Salles foi considerado incapaz para o cargo que ocupava por dois anos e meio e acusado de estar ligado de forma ilegal às empresas madeireiras na Amazônia.

Observou-se que a forma de conjugar as vozes autorais na *Folha de S.Paulo* e no *Estadão* foi diferenciada, com o levantamento de contração ou expansão dialógica. A *Folha de S.Paulo* trouxe a avaliação de nove executivos com depoimentos e discursos relatados em prevalência de contração dialógica com o uso de contraposição, enquanto o *Estadão* apresentou menor

comprometimento com a presença do diálogo com uso de contração dialógica de negação e discursos monoglóssicos.

Por fim, este trabalho colaborou para discutir a possibilidade de leituras de textos informativos com base na avaliação dos posicionamentos dos atores participantes do discurso, especialmente dos políticos brasileiros que se inspiram na cumplicidade para governarem.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes Editora, 2003.
- CANTANHÊDE, Eliane. **Salles corre da polícia**. O Estado de S.Paulo, São Paulo, 23.jun.2021. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,salles-corre-da-policia,70003756587>. Acesso em 09.set.2021.
- FEARNSIDE, Philip Martin. **Os números do desmatamento são reais apesar da negação do presidente Bolsonaro**. Amazônia Real (2019). Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/os-numeros-do-desmatamento-sao-reais-apesar-da-negacao-do-presidente-bolsonaro/>. Acesso em: 20.jan.2022.
- GONÇALVES SEGUNDO, Paulo Roberto. **Tradição, estabilidade e dinamicidade nas práticas discursivas: um estudo da negociação intersubjetiva na imprensa paulistana**. 2011. 447 f. Tese (Doutorado em Letras. Área de Concentração: Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. DOI: <http://doi.org/10.11606/T.8.2011.tde-25042012-161141>.
- GREENPEACE BRASIL. **Brasil em chamas: do Pantanal à Amazônia, destruição não respeita fronteiras**. 16.set.2020. Disponível em: <https://www.greenpeace.org/brasil/blog/brasil-em-chamas-negando-as-aparencias-e-disfarcando-as-evidencias/>. Acesso em: 17.jan.2022.
- HALLIDAY, Michael; MATTHIESSEN, Christian. **Introduction to Functional Grammar**. 3ª ed. London: Hodder Arnold, 2004.
- KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- KOCH, Ingedore Villaça. **A construção dos sentidos no discurso: uma abordagem sociocognitiva**. Revista Investigações, v.18, n.2, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/1478/1151>. Acesso em: 10.nov.2021
- KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Compreender: os sentidos do texto**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- ROSA, Margaret de Miranda. **Marcadores de atenuação**. São Paulo: Contexto, 1992.
- MARTIN, James Robert; WHITE, Peter. **The language of evaluation: appraisal In English**. New York/Hampshire: Palgrave Macmillam, 2005.
- NÓBREGA, Marlene Assunção. **Quando os provérbios dão a manchete: a oralidade no texto jornalístico escrito - O caso Jornal da Tarde**. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa - Faculdade de Filologia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-28082009-144134/publico.pdf>. Acesso em: 20.01.2022.
- RIBOLDI, Ari. **O bode expiatório: origem de palavras, expressões e ditados populares com nomes de animais**. Porto Alegre: Age Editora, 2007.
- SOPRANA, Paula; MOURA, Júlia; MADUREIRA, Daniele. **Saída de Salles não muda política ambiental do governo, avaliam executivos**. Folha de S.Paulo, São Paulo, 23.jun.2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/06/saida-de-salles-nao-muda-politica-ambiental-do-governo-avaliam-executivos.shtml>. Acesso em: 09.set.2021.

URBANO, Hudinilson. Da fala para a escrita: o caso dos provérbios e expressões populares. Revista **Investigações e Teoria Literária**. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística/UFPE, v.21, n.2, jul.2008. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.

Anexos

TEXTO 1 (T1)¹⁰ - Saída de Salles não muda política ambiental do governo, avaliam executivos

Ministro do Meio Ambiente pediu demissão nesta quarta-feira

23.jun.2021 às 20h38

Paula Soprana

Júlia Moura

Daniele Madureira

SÃO PAULO

- 1) A troca no comando do Ministério do Meio Ambiente promovida pelo presidente Jair Bolsonaro (sem partido) não deve alterar a política do governo federal nessa área, segundo executivos que comentaram o pedido de demissão de Ricardo Salles nesta quarta-feira (23).
- 2) Alvo de inquérito no STF (Supremo Tribunal Federal) por suspeita de favorecimento a empresários do setor madeireiro, Salles será substituído por Joaquim Pereira Leite, secretário da Amazônia e Serviços Ambientais da pasta.
- 3) Para Roberto Klabin, membro do conselho da fabricante de papel e celulose Klabin, o ex-titular do Meio Ambiente vai tarde.
- 4) "Salles será lembrado como o pior ministro do Meio Ambiente que este país já teve", diz o empresário, fundador da SOS Mata Atlântica e da SOS Pantanal, duas organizações não governamentais ligadas à defesa ambiental.
- 5) "Seu único esforço nesse cargo foi fazer tudo para agradar o presidente [Jair Bolsonaro] e tentar fazer parte do seu círculo mais intimista", diz o empresário.
- 6) Klabin é um dos signatários da carta enviada nesta quarta-feira (23) ao presidente da Câmara, Arthur Lira, com críticas a projetos de lei apontados como um retrocesso à política ambiental.
- 7) "Neste governo o meio ambiente é visto como um entrave ao desenvolvimento do país. Enquanto este presidente assim pensar e agir, nada vai melhorar e outros Salles surgirão".
- 8) Sérgio Leitão, diretor-executivo do Instituto Escolhas, organização civil de sustentabilidade, afirma que, na prática, o ministério continua o mesmo, sem mudança em suas políticas.
- 9) "Na imensa fazenda chamada governo Bolsonaro, saiu o vaqueiro, mas continuam o dono da boiada e a administradora da fazenda. O dono é Bolsonaro e quem administra é a ministra Tereza Cristina [Agricultura]."
- 10) Segundo Leitão, Salles fazia as ações que o Ministério da Agricultura queria, e a pasta de Cristina era uma espécie de beneficiária de todas as ações do ministro.
- 11) "O novo [ministro] que irá assumir é seguidor da mesma cartilha, não vai mudar nada. Talvez o que mude é que sai o histrionismo e a agressividade do ex-ministro

¹⁰ A numeração feita nos parágrafos de TEXTO 1 (1 a 26) e TEXTO 2 (1 a 6) não estava originalmente nos jornais consultados. A autora optou por numerar os parágrafos no item Anexos por considerar um recurso didático para melhor orientação na leitura do presente capítulo.

Salles o tornava mais antipático, mas, na prática, o ministério continua mesmo, sem mudança das políticas", afirma.

12) Eugênio Singer, diretor-geral da consultoria ambiental Ramboll Brasil, afirma que o ministro não saiu por sua atuação na questão ambiental, mas por suspeitas de corrupção em sua pasta.

13) "O projeto de desmonte das instituições de controle e proteção ambiental vem em uma crescente. Muito provavelmente a política ambiental não mudará e, mais uma vez, o país perderá a oportunidade de um protagonismo ambiental de vanguarda mundial. Não importa quem assumir."

14) Paulo Hartung, presidente-executivo da Ibá (Indústria Brasileira de Árvores), disse que a política ambiental brasileira nos últimos anos tem criado obstáculos a produtos brasileiros no mundo todo.

15) "O setor empresarial vem alertando para isso, para a necessidade de combater com eficácia a ilegalidade na Amazônia, para o perigo das mudanças legislativas, como expressado na carta de empresários a Arthur Lira. Temos que zelar pelos mercados que conquistamos. Em um momento de crise climática, temos oportunidade, e estamos perdendo."

16) Luiz Fernando Quaglio, especialista em ESG (sigla do inglês Environmental, Social e Governance) da Veedha Investimentos, compara o episódio com a saída de Ernesto Araújo do Itamaraty, substituído por Carlos França, considerado menos radical.

17) "A queda do Salles é o boi de piranha para a boiada passar. O curral eleitoral do governo é no campo, é o médio agropecuarista brasileiro", diz o especialista.

18) Segundo Quaglio, o ministro não era uma unanimidade no agronegócio, pois era visto como um entrave para a economia verde, prejudicando a imagem do país no exterior.

19) "O mercado internacional, porém, não vê muito a imagem. O mundo ESG [de boas práticas ambientais, sociais e de governança] e a economia verde são movidos pela materialidade, não pelo discurso, mas o governo ganha um novo fôlego."

20) Conrado Magalhães, cientista político da Guide, diz que a troca não gera impacto na Bolsa de Valores e no câmbio, mas dá um tempo para que o governo se comunique melhor em relação a temas ambientais, o que pode ter um efeito positivo para o Brasil no longo prazo.

21) "Se Leite [novo ministro] fizer uma abordagem diferente e mostrar compromisso com o meio ambiente é uma oportunidade de guinada do governo, se aproximando da visão da Europa e dos EUA, que têm dado mais relevância ao assunto. É uma oportunidade para a mudança de imagem caso o governo faça um esforço mais contundente", afirma.

22) "O Ministério do Meio Ambiente não vem dando boas notícias faz tempo e a agenda verde é um imperativo hoje em dia e as empresas buscam cada vez mais os padrões ESG", afirma André Perfeito, economista-chefe da Necton.

23) Marina Braga, gerente de alocação da Blue3, também não vê efeito da demissão no pregão desta quinta-feira (24).

24) "O mercado está 'ignorando' essas questões agora e olhando mais para crescimento, juros e inflação. A Bolsa em dólares ainda chama a atenção do estrangeiro e a Selic subindo também ajuda a trazer dinheiro de fora", diz Marina.

25) Uma executiva do setor financeiro, que preferiu não se identificar, afirmou que o mercado internacional pode ver a troca de forma positiva, porque o Brasil está com a imagem desgastada. Por outro lado, entretanto, quem substitui Salles segue a mesma agenda, dando uma sinalização de que nada mudará.

26) Segundo ela, se a agenda ambiental do país seguir no caminho do que chamou de "negacionismo climático", boicotes e sanções serão cada vez mais comuns, com fuga de investimento.

TEXTO 2 (T2) - Salles corre da polícia

Na corda bamba há meses, ministro cai quando ele e Bolsonaro estão acuados

Eliane Cantanhêde, O Estado de S.Paulo

23 de junho de 2021 | 18h48

1) Queridinho do presidente Jair Bolsonaro, mas alvo de inquéritos e investigações em São Paulo e em Brasília, o polêmico Ricardo Salles, o "ministro da boiada", caiu num momento em que o Supremo Tribunal Federal aperta o torniquete contra ele e que a CPI da Covid acua o próprio Bolsonaro por causa da explosiva compra da vacina Covaxin.

2) O script da demissão "a pedido" de Salles - que nestes dois anos e meio foi mero executor da política criminosa de Bolsonaro para o meio ambiente - não é novidade no governo Bolsonaro. O ministro entra na mira da justiça e da mídia, passa a ser elogiado e a participar de atos com o presidente e, quando todo mundo está distraído em outras frentes, finalmente cai.

3) Na lista de alvos, destacam-se três que, como o próprio Salles, exercitaram bravamente a máxima do "um manda, o outro obedece": Abraham Weintraub (Educação), Ernesto Araújo (Relações Exteriores) e o general da ativa Eduardo Pazzuelo (Saúde). Todos perderam seus cargos, mas levando troféus para pendurar na parede: as fotos de véspera, sorridentes, com o presidente amigão.

4) Em comum, também, o fato de que todos eram as pessoas erradas, no lugar errado, na hora errada. Weintraub entendia de brigas e armas, nada de educação. Araújo destruiu a política externa e a imagem do Brasil no mundo desenvolvido. Pazzuelo jamais tinha visto uma curva epidemiológica e nem sequer sabia o que era o SUS.

5) E o que dizer de Salles, um ministro do Meio Ambiente que jamais pusera os pés na Amazônia? Ele não entendia nada da área e, ao contrário, sempre fez o jogo de madeireiros ilegais e de destruidores do ambiente e da própria Amazônia, enquanto agia ativamente contra os biomas, o Ibama e o ICMBio.

6) Quanto mais errava, mais Salles agradava a Bolsonaro. Sentia-se com costas tão quentes a ponto de chamar o general Luiz Eduardo Ramos (Casa Civil) de "Maria fofoca", mas nem Bolsonaro, nem as costas quentes, foram suficientes para salvá-lo das denúncias que vêm dos Estados Unidos, passam pela Polícia Federal e desabam no Supremo. A sensação em Brasília é que Salles se livra do ministério, mas não de "uma bomba". E que o ministro muda, mas a destruição da Amazônia continua.